Editorial

A POLÍTICA EM MOVIMENTO: FORMAÇÃO, TERRITÓRIOS E COTIDIANOS DA LEITURA E DA ESCRITA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

O que acontece quando uma política pública de formação docente atravessa universidades, estados, municípios e chega ao cotidiano de professoras[1] e das crianças?

Talvez essa seja uma das perguntas mais fecundas para iniciar a leitura deste dossiê. Uma política pública não permanece exatamente igual depois que deixa os documentos oficiais e encontra os territórios. Ela passa pelas histórias das instituições, pelas condições concretas das redes de ensino, pelas experiências profissionais das educadoras, pelas concepções de infância, pelas memórias de leitura, pelos livros disponíveis, pelas escolhas curriculares e pelos modos singulares de compreender e viver a Educação Infantil.

É nesse movimento que uma política ganha vida. E é também nesse movimento que este dossiê se inscreve. *Formação Docente & Cotidiano Pedagógico: Horizontes da Leitura e Escrita na Educação Infantil* nasce do desejo de reunir e tornar visíveis diferentes experiências, pesquisas, narrativas e reflexões produzidas no contexto do Programa Leitura e Escrita na Educação Infantil (ProLEEI). Ao longo desta apresentação e dos títulos que compõem o dossiê, optamos por preservar a grafia *ProLEEI,* ainda que a norma editorial da revista estabeleça o uso de letras maiúsculas nos títulos. A escolha não é meramente gráfica: ela corresponde à denominação adotada pelo Ministério da Educação para o Programa Leitura e Escrita na Educação Infantil e busca preservar a identidade institucional da política à qual este dossiê se dedica. Mais do que reunir textos que têm o programa como objeto ou contexto, a proposta é acompanhar o que se produz quando a formação docente encontra os cotidianos da Educação Infantil e quando a leitura e a escrita são interrogadas a partir das especificidades da primeira infância.

O resultado desse movimento, marcado pela quantidade e pela diversidade das submissões, tornou necessária a organização do dossiê em dois volumes. Não se trata, contudo, de uma divisão meramente quantitativa. Os volumes formam um conjunto, partes de uma mesma cartografia composta por diferentes territórios, sujeitos, experiências e perspectivas sobre uma política de formação que, em sua própria constituição, é marcada pela ideia de rede. Ao todo, o dossiê reúne **43 artigos, 11 relatos de experiência e 06 entrevistas,** compondo um mosaico de 60 produções que chegam de diferentes regiões brasileiras e permitem observar como a discussão sobre leitura e escrita na Educação Infantil se desloca entre universidades, redes de ensino, equipes técnicas, formadores, educadoras e crianças.

A diversidade regional não aparece aqui como simples dado geográfico. Ela constitui uma dimensão epistemológica do próprio dossiê. Maranhão, Bahia, Alagoas, Ceará, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Paraná, Rio Grande do Sul, Santa Catarina, São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Espírito Santo, Pará, Amazonas e outros territórios se encontram nestas páginas. Cada território carrega histórias, desafios, repertórios culturais, modos de organização das redes e experiências próprias de formação. O encontro entre esses lugares permite compreender que não existe uma única maneira de viver uma política de formação docente. Existe uma política que se desloca, chega, é recebida e, ao encontrar sujeitos concretos, passa a produzir novos sentidos.

O próprio Ministério da Educação apresenta o ProLEEI como um programa de formação continuada desenvolvido em regime de colaboração entre a União, os Estados, os Municípios, o Distrito Federal e as Instituições Federais de Ensino Superior (BRASIL, 2025a). As formações ocorrem em rede, articulando IFES, formadoras estaduais, formadoras regionais e/ou municipais e profissionais da Educação Infantil (Brasil, 2025b). Essa arquitetura institucional já revela algo fundamental: a formação não é concebida como movimento unilateral, mas como uma rede de relações. É precisamente essa rede que os textos deste dossiê ajudam a tornar visível.

---

1 Neste dossiê, optamos pelo uso de termos no feminino, em consonância com a terminologia adotada nos documentos orientadores do ProLEEI (Caderno de Orientação para Formadoras, Volume 1, 2025c p.12). A escolha considera, ainda, a expressiva presença de mulheres na educação e busca reconhecer essa realidade sem perder de vista a diversidade dos sujeitos que participam da política de formação.

Editorial

Este *primeiro volume* coloca em evidência a política em movimento: seus sujeitos, territórios, redes, processos de implementação, experiências de formação, práticas pedagógicas, literatura, diversidade e articulações institucionais.

O *segundo volume,* em continuidade, aprofundará outros deslocamentos: narrativas, memórias, repertórios culturais, experiências formativas, práticas pedagógicas, literatura e os sentidos que o ProLEEI passa a produzir nos sujeitos e nos cotidianos. Se o primeiro volume permite observar a política em movimento, o segundo nos convidará a olhar mais atentamente para o que acontece quando a política se transforma em experiência.

Os volumes, portanto, não devem ser compreendidos como partes isoladas. Eles se atravessam, complementam-se e ampliam-se mutuamente. Juntos, constroem uma cartografia da formação docente e das práticas de leitura e escrita na Educação Infantil a partir de diferentes territórios brasileiros.

Formação, território e política: quando uma rede ganha vida

Falar de leitura e escrita na Educação Infantil exige deslocar uma pergunta recorrente: o que a criança precisa aprender? Talvez seja necessário perguntar também sobre as experiências de linguagem que estamos oferecendo às crianças, os livros que chegam às suas mãos, as histórias que escutam, os personagens que encontram e as possibilidades que têm de produzir suas próprias narrativas.

Essas questões ajudam a afastar uma compreensão reduzida da leitura e da escrita como antecipação de conteúdos próprios do Ensino Fundamental. Na Educação Infantil, aproximar as crianças da cultura escrita significa reconhecer que elas já participam de um mundo profundamente marcado pela linguagem, pelos textos, pelos livros, pelas imagens, pelos símbolos e pelas diferentes formas de inscrição da cultura.

A questão, portanto, não é acelerar a escolarização, mas ampliar experiências e garantir direitos, criando condições para que a criança experimente a linguagem em suas dimensões estética, cultural, social, poética e política.

Nesse sentido, o debate proposto pelo ProLEEI encontra uma questão essencial para a Educação Infantil brasileira: como construir práticas que reconheçam a potência das crianças sem submetê-las precocemente a uma lógica de treinamento?

A pergunta atravessa os artigos, relatos e as entrevistas deste volume de diferentes maneiras. Em alguns, aparece pela discussão sobre políticas públicas e formação continuada; em outros, emerge na literatura, na brincadeira, nas práticas de linguagem, na diversidade, na inclusão ou nas experiências concretas de professoras. Em todos eles permanece uma preocupação comum: pensar a cultura escrita respeitando a criança pequena e as especificidades da Educação Infantil.

É nesse ponto que a formação docente ganha centralidade. Quem forma também se forma. Quem acompanha processos formativos também é atravessado por eles. Os estudos dedicados aos formadores regionais e municipais do ProLEEI ajudam a romper com uma concepção simplificada da formação continuada como transmissão de conhecimentos previamente definidos. O formador aprende, interpreta, produz conhecimento e se transforma.

Essa perspectiva aproxima-se de Nóvoa (1992), ao compreender a formação docente em sua relação com a profissão, com os espaços coletivos de aprendizagem e com a constituição profissional dos professores. Também dialoga com Tardif (2014), ao reconhecer a pluralidade dos saberes docentes e sua relação com os diferentes espaços e tempos de formação e de trabalho.

A formação, portanto, aparece como relação. Não como uma linha reta entre quem sabe e quem aprende, mas como percurso no qual saberes acadêmicos, experiências profissionais e realidades territoriais entram em diálogo.

Os textos sobre formadores no Maranhão e no Paraná, sobre políticas de formação continuada, sobre a implementação do ProLEEI em diferentes redes e sobre experiências formativas em polos universitários revelam diferentes entradas para uma mesma questão: o que uma política de formação produz nos sujeitos que dela participam?

A pergunta se amplia quando observamos os diferentes territórios. Não é exatamente o mesmo ProLEEI quando observado a partir do Maranhão, Bahia, Alagoas, Ceará, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Paraná, Rio Grande do Sul, Santa

Editorial

Catarina, São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Espírito Santo, Pará ou Amazonas. Não porque seus princípios necessariamente se alterem, mas porque cada território produz modos particulares de vivenciá-lo, interpretá-lo e ressignificá-lo. Cada rede possui suas histórias; cada grupo de formadores constrói modos próprios de trabalhar; cada professora chega à formação carregando experiências anteriores; cada município apresenta condições particulares; cada comunidade mobiliza repertórios culturais específicos.

Assim, a implementação de uma política pública não pode ser compreendida apenas como execução. Ela é também interpretação, negociação, apropriação e criação. Os textos sobre São José dos Campos, Tangará da Serra, Canela, Piratuba, diferentes territórios do Maranhão e outras regiões permitem observar esse processo. O que acontece quando as diretrizes encontram as condições reais das redes? Que desafios aparecem? Que estratégias são construídas? Que práticas se deslocam? Que concepções permanecem?

A leitura do conjunto permite perceber que uma política nacional ganha diferentes tonalidades quando atravessam os diferentes territórios. Talvez essa seja uma das maiores contribuições deste dossiê: mostrar o Brasil a partir de suas experiências de formação para a leitura e a escrita na Educação Infantil.

Literatura, cultura escrita e infância: outros modos de ler o mundo

Se a formação docente constitui uma dimensão estruturante do dossiê, a literatura aparece como uma das experiências capazes de dar corpo a essa discussão. Um livro não é apenas um instrumento pedagógico. É objeto cultural, linguagem, arte, possibilidade de imaginar aquilo que ainda não existe e experiência de alteridade. Por isso, os textos dedicados à literatura infantil, à seleção de acervos, à mediação de leitura, à bibliodiversidade e à literatura como eixo curricular deslocam a discussão para uma questão fundamental: que literatura estamos oferecendo às crianças?

Não basta que haja livros. É preciso que sejam diversos, esteticamente potentes e capazes de apresentar diferentes perspectivas de mundo. É preciso que as crianças possam encontrar personagens, famílias, territórios, culturas, corpos e histórias que ampliem seus repertórios e também reconheçam suas próprias existências.

Nesse sentido, a discussão sobre bibliodiversidade[2] encontra-se inevitavelmente com a educação das relações étnico-raciais. Os trabalhos que abordam a literatura infantil, as relações étnico-raciais e a interseccionalidade nos convidam a compreender que o debate sobre leitura não é apenas metodológico. É também ético e político. Quem aparece? Quem permanece invisível? Quem pode se reconhecer? Que histórias são contadas? Que histórias ainda precisam conquistar espaço nas páginas dos livros?

Pensar a cultura escrita na primeira infância exige reconhecer que não existe uma infância universal. Existem infâncias diversas, atravessadas por condições sociais, culturais, linguísticas e territoriais também diversas. Há infâncias negras, indígenas, quilombolas, urbanas, rurais, com deficiência e marcadas por diferentes modos de viver, brincar, narrar e participar da cultura.

Essa pluralidade exige práticas pedagógicas igualmente plurais. O desafio da inclusão, nesse sentido, ultrapassa a garantia de presença. Trata-se de assegurar participação, representação e possibilidade de diferentes vozes serem ouvidas. As crianças não chegam às instituições educativas sem história; chegam com repertórios culturais, linguagens, memórias, modos de narrar e experiências anteriores com a cultura escrita.

A formação docente precisa contribuir para que essas experiências sejam reconhecidas. É também por isso que a aproximação entre leitura, escrita, brincadeira e cotidiano assume importância neste volume. Brincar, imaginar, conversar, desenhar, ouvir histórias, cantar, observar, dramatizar, explorar livros e inventar narrativas são modos de participar da cultura. A leitura e a escrita, nessa perspectiva, integram uma concepção ampliada de currículo, que não se limita aos documentos, mas acontece nas relações, nos espaços, nos tempos e nas escolhas. A experiência formativa do "Quintal Brincante", presente entre os trabalhos deste volume, permite pensar justamente as repercussões da formação nas compreensões de currículo e nas práticas pedagógicas. É no cotidiano que as políticas se tornam experiência. E essa dimensão nos aproxima de Larrosa (2002), para quem a experiência está relacionada àquilo que nos acontece e nos toca. Pensar a formação a partir dessa perspectiva

2 Integra o percurso de construção da proposta de formação em leitura e escrita na Educação Infantil. Na Coleção Leitura e Escrita na Educação Infantil, a discussão sobre os acervos destacava a importância da diversidade de gêneros, tipos de texto, formatos, autores e ilustradores, associando essa perspectiva ao que se denomina "bibliodiversidade" (BRASIL, 2016).

Editorial

significa compreendê-la não apenas como aquisição de conhecimentos, mas como possibilidade de deslocamento dos modos de pensar, sentir e agir.

Talvez essa seja uma das perguntas mais fecundas deixadas pelos textos: o que precisa acontecer em uma formação para que algo realmente nos aconteça?

Da formação ao cotidiano: práticas, vozes e experiências

Os estudos que analisam práticas pedagógicas permitem acompanhar o momento em que os princípios discutidos na formação ganham corpo no cotidiano. É quando uma professora reorganiza uma proposta, escolhe um livro, amplia o tempo de uma leitura, permite que as crianças comentem e perguntem ou reconhece que uma conversa também constitui experiência de linguagem. É nesse lugar que a política encontra o cotidiano. E é justamente esse encontro que os artigos, relatos de experiência e entrevistas tornam visível.

Os cinco **relatos de experiência** que integram este volume aproximam o leitor de experiências concretas de formação e prática pedagógica: a poesia como experiência de letramento literário, a implementação do ProLEEI em Piratuba, a narrativa docente como processo de formação curricular antirracista, as práticas de leitura e escrita na Educação Infantil e os impactos do programa no desenvolvimento profissional docente.

Mais do que ilustrar os artigos, esses relatos cumprem outra função: preservam a dimensão concreta da experiência formativa. Eles registram encontros, aprendizagens, dificuldades, descobertas e deslocamentos que poderiam permanecer restritos aos sujeitos que os viveram. Ao serem narrados e compartilhados, passam a compor uma memória coletiva da política.

As quatro **entrevistas** cumprem movimento semelhante. Ao reunir vozes situadas em diferentes lugares institucionais do ProLEEI, elas ampliam o campo de visão sobre o programa e ajudam a construir sua memória a partir de sujeitos que participaram de sua formulação, coordenação e implementação.

Uma política pública também precisa de memória. Registrar seus percursos significa registrar não apenas resultados, mas dúvidas, desafios, aprendizagens, deslocamentos e sujeitos. É nesse sentido que este volume se torna mais do que uma reunião de estudos sobre um programa. Ele constitui um registro de experiências de formação docente em diferentes territórios brasileiros, permitindo observar como uma política é interpretada e vivida por aqueles que a fazem acontecer.

O conjunto revela, ainda, um Brasil que se encontra pelas palavras. A experiência de uma formadora no Maranhão pode provocar uma pergunta em uma professora de Mato Grosso. Uma prática desenvolvida no Sul pode inspirar uma rede no Nordeste. Uma discussão sobre bibliodiversidade pode deslocar a seleção de acervos em outro território. Uma narrativa docente pode provocar uma nova maneira de compreender a formação.

Os territórios não desaparecem quando entram em diálogo; ao contrário, tornam-se mais visíveis. É nesse sentido que a diversidade regional deixa de ser apenas característica editorial e passa a constituir força epistemológica do dossiê. A pluralidade dos territórios produz pluralidade de perguntas e amplia as possibilidades de compreender a Educação Infantil brasileira.

Para continuar a conversa

Este dossiê não pretende oferecer uma narrativa definitiva sobre leitura e escrita na Educação Infantil. Uma política viva não cabe em uma única narrativa, assim como uma infância não cabe em uma única concepção. O que os textos aqui reunidos oferecem é a possibilidade de olhar para uma política em sua complexidade: seus percursos, sujeitos, territórios, encontros, tensões e reinvenções.

Por isso, convidamos leitoras e leitores a atravessarem este volume e, posteriormente, o segundo, não apenas em busca de respostas, mas também de perguntas. Que os textos produzam encontros. Que os encontros produzam perguntas. Que as perguntas produzam movimento. E que esse movimento continue a alimentar uma Educação Infantil em que a leitura e a escrita sejam vividas não como antecipação da escolarização, mas como direito à linguagem, à imaginação, à cultura, à participação e ao encantamento. Boa leitura!

Editorial

Organização
José Carlos de Melo[3]
Cássia Fabiane dos Santos Souza[4]
Kyldes Batista Vicente[5]

Referências

BONDÍA, Jorge Larrosa. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência.** Revista Brasileira de Educação, Rio de Janeiro, n. 19, p. 20-28, jan./abr. 2002. DOI: 10.1590/S1413-24782002000100003.
BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Livros infantis: acervos, espaços e mediações.** Brasília, DF: MEC/SEB, 2016. (Coleção Leitura e Escrita na Educação Infantil, Caderno 7).

BRASIL. Ministério da Educação. **Portaria MEC nº 85, de 31 de janeiro de 2025.** Institui o Programa de Formação Continuada Leitura e Escrita na Educação Infantil – ProLEEI. Brasília, DF, 2025a.

BRASIL. Ministério da Educação. **Programa Leitura e Escrita na Educação Infantil** (ProLEEI). Brasília, DF: MEC, 2025b. Disponível em: https://www.gov.br/mec/pt-br/proleei

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Leitura e escrita na educação infantil: caderno de orientação para formadoras – ProLEEI**. Volume 1. Brasília, DF: Ed. dos Autores, 2025c.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Leitura e escrita na educação infantil: caderno de orientação para formadoras – ProLEEI. Volume 2.** Brasília, DF: Ed. dos Autores, 2025d.

NÓVOA, António (org.). **Os professores e a sua formação.** Lisboa: Dom Quixote, 1992.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. 17. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

3 Docente associado IV do Curso de Pedagogia da UFMA, docente permanente do PPGEEB, Coordenador Geral do ProLEEI/MA, Lattes: http://lattes.cnpq.br/1282285394690979. https://orcid.org/0000-0002-0501-8141 . E-mail: melo.jose@ufma.br
4 Docente (UFMT); Pós Doutoranda (PPGEEB/UFMA). Formadora Estadual ProLEEI - MT (2025/2026). Membro do Grupo de Pesquisas Curriculares e Discurso (GPCeD/UFMT) e do Grupo de Estudos Pesquisas, Educação, Infância e Formação (GEPEID/UFMA) Lattes: http://lattes.cnpq.br/8169555691877779. Orcid: https://orcid.org/0000-0001-9092-0449. E-mail: cassia.souza@ufmt.br
5Doutora em Comunicação e Cultura Contemporâneas pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), professora no Centro Universitário Itop (Unitop), na Universidade Estadual do Tocantins (Unitins) e na Secretaria Estadual de Educação (Seduc-TO), Palmas, Tocantins, Brasil.
Lattes: http://lattes.cnpq.br/1249709305972671. Orcid: http://orcid.org/0000-0002-8473-2828 E-mail: kyldesv@gmail.com